Dependentes virtuais
Carolina Vicentin

Psicólogos advertem sobre os riscos do uso frequente da rede de computadores, quepode desligar crianças, adultos e adolescentes do mundo real. O viciado tem mais chances decontrair LER

O tempo em que os pais se esgoelavam para fazer com que os filhos não ficassem na rua até tarde da noite já passou. Por incrível que pareça, hoje, o principal desafio de mães e pais é tirar as crianças de casa. “Se deixar, ele fica em frente ao computador o dia inteiro, não vai brincar, não para nem na hora das refeições”, conta a economista Isabella Pimenta, 30 anos, mãe de Diego, 9. O menino faz parte de uma geração de crianças que, literalmente, nasceucom o computador na sala de parto. Porém, ter uma imensidão de informações ao alcance dos dedos exige cuidados. Especialistas alertam que o uso abusivo dos eletrônicos pode atrapalhar o desenvolvimento dos jovens e fazer com que eles não se preparem para viver a vida real.

O sinal amarelo deve acender quando a criança ou o adolescente passa muito tempo livreconectado à rede. “Mas o tempo em si pode ser uma referência relativa. Vamos supor que o menino fique três horas por dia no computador. Se nesse período ele usa o messenger, faz pesquisa para a escola, baixa uma música, isso não é negativo. Ele está fazendo um uso amplo da ferramenta, acrescentando coisas para a vida dele”, afirma a psicóloga Rosa Maria Farah, coordenadora do Núcleo de Pesquisa de Psicologia em Informática (NPPI) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

A especialista explica que a utilização das máquinas para o mesmo fim merece um alerta dos pais. Se a criança usa o computador só para conversas instantâneas ou para jogar on-line, pode começar a preferir o canal virtual a qualquer outra coisa.

“Não são os conteúdos disponíveis que mais ‘viciam’, mas sim o propósito que a pessoa tem na internet. Se está sempre buscando alguém para se relacionar apenas no mundo virtual, pode perder a capacidade de lidar com eventos do cotidiano”, diz Cristiano Nabuco, coordenador do grupo

Dependência de Internet, que funciona no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo. Há dois anos, o hospital atende adultos e jovens viciados na rede mundial de computadores. Eles se reúnem uma vez por semana com especialistas para fazer o tratamento de psicoterapia em grupo. “No começo, achamos que essas pessoas teriam um grande interesse em material on-line relacionado ao sexo, mas observamos que o interesse nisso é bem menor se comparado ao foco nas redes sociais”, destaca Cristiano. O psicólogo afirma que esses serviços funcionariam como uma “cola” social, pois a possibilidade de estar em contato com gente desconhecida geraria um conforto psicológico para o internauta.

Para meninos e meninas, esse tipo de situação é ainda mais prejudicial. “Relações sociais mantidas somente por essas redes fazem com que os adolescentes fiquem cada vez mais refugiados, perdendo habilidades que só são desenvolvidas no dia a dia”, ressalta o psicólogo do Hospital das Clínicas. O excesso de mundo virtual impede que a pessoa ganhe a capacidade de criar espaços de manobra em uma conversa, por exemplo, ou, até mesmo, perceba situações de perigo.

Computadores e videogames não são vilãos. O problema, afirmam os especialistas, é a forma como as crianças utilizam os recursos eletrônicos. “Toda vez que surge uma nova tecnologia, aparecem os mensageiros da desgraça dizendo que a novidade vai fazer mal. Foi assim com o carro, com o telefone, com o videogame, com o computador.

Essas coisas vieram para ficar. As crianças estão apenas utilizando um recurso que está à disposição delas desde que nasceram”, lembra o neuropediatra José Salomão Schwartzman, um dos maiores nomes do país em neurologia da infância e da adolescência.

Schwartzman afirma, inclusive, que há jogos estimulantes para o desenvolvimento de meninos e meninas. Crianças com déficit de atenção podem usar os games para aprender a se focar em uma única atividade.

“Alguns jogos são feitos fundamentalmente para crianças. Eu até prescrevo para os meus pacientes”, diz o especialista. O neuropediatra ressalta que é essencial aos pais saberem exatamente o que os filhos estão fazendo na frente do computador e do videogame e falar abertamente sobre os riscos do ambiente virtual. A economista Isabella Pimenta procura orientar o filho Diego quanto às possibilidades que surgem na internet. “Como trabalho o dia inteiro, eu mais confio nele do que controlo o acesso. Eu já conversei demais sobre os perigos da rede, pedi para ele sempre prestar atenção se a pessoa que está conversando é uma criança também”, conta Isabella. Outra “ferramenta” da economista é limitar os horários que o menino permanece na máquina, sempre o estimulando para brincar com amigos.

CONTROLE. A “fiscalização” também é adotada pelo analista de sistemas Antônio Barros Dantas, 39 anos, com a filha Maria Eduarda, de 8. A menina começou a usar o computador por causa de trabalhos da escola há cerca de seis meses. Maria Eduarda tem um e-mail e troca correspondências com os colegas, sempre com supervisão do pai. “O controle dos sites que ela visita é feito por uma ferramenta gratuita da própria internet.

Também tenho a senha do e-mail e, se não tivesse, dava um jeito de descobrir”, brinca Antônio. A menina só pode usar a máquina para lazer uma vez por semana, na sexta-feira à noite ou no sábado pela manhã, quando o pai ou mãe estão em casa. Antônio tem facilidade de ficar de olho no que a filha faz em frente ao PC por conta da profissão. Mas todos os pais devem buscar informações sobre o funcionamento da rede.

O neuropediatra José Salomão Schwartzman lembra que a “condenação” dos eletrônicos é uma fuga. “Se eu deixo o meu filho só no PC porque não tenho tempo para estar com ele, o que faz mal não é o aparelho, mas a falta do pai, certo?”, questiona.

Entre as características que marcam o perfil do viciado em internet, destacam-se o excesso de preocupação por estar distante do computador, pensamento fixo em jogos ou conversas virtuais, desligamento do cotidiano, a ocorrência de sonhos com as máquinas. O usuário que utiliza em excesso a rede corre o risco de ter lesões de esforço repetitivo (LER), tendência à introspecção e prejuízos á vida social e profissional, advertem os especialistas.

Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 9 ago. 2010, Tecnologia, p. B-8.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais